

O SUICÍDIO DE GETÚLIO VARGAS RELEMBRADO NA FICÇÃO DE ANTÔNIO TORRES

VANIA PINHEIRO CHAVES*

O renomado escritor baiano Antônio Torres tem produzindo ao longo dos anos importante obra de ficção com estreitos vínculos à História do Brasil e à memória que ele mesmo guarda do seu povoado natal – *o Junco* –, hoje cidade, com o nome infelizmente mudado para Sátiro Dias¹. Ao seu primeiro romance – *Um cão uivando para a lua* –, publicado em 1972 e recebido com entusiasmo pelo público e pela crítica, juntam-se até agora mais dez, com inúmeras reedições e traduções², além de alguns livros de crônicas e narrativas para jovens e crianças³.

* Doutora pela Universidade de Lisboa. Investigadora do CLEPUL.

¹ A história de vida de Antônio Torres está na raiz da sua profissionalização como escritor. Como ele próprio conta, descobriu a sua vocação literária nos tempos da escola primária, ao recitar em praça pública poemas de Castro Alves, tendo contribuído igualmente para essa inclinação a ajuda que dava ao padre na missa e a escrita de cartas para os moradores, em boa parte analfabetos, do seu povoado natal. Ainda jovem, Antônio foi trabalhar em Salvador como jornalista do *Jornal da Bahia* e depois em São Paulo como publicitário. Em busca de novos horizontes, viveu em Portugal na década de 60, onde também trabalhou numa agência de publicidade. Atualmente é curador da *Nuvem de Livros*, biblioteca *on line* que disponibiliza mais de dez mil conteúdos e arquivos educacionais. Desse brevíssimo apanhado biográfico pode-se concluir que a palavra, a escrita, a literatura sempre foram o centro da vida de Antônio Torres, eleito em 2013 para a Academia Brasileira de Letras.

² Traduções de seus livros existem na Argentina, em Cuba, Estados Unidos, França, Espanha, Alemanha, Itália, Holanda, Inglaterra, Israel, Bulgária e Vietnã, estando previstas outras na Albânia, Romênia, Paquistão.

³ Obras: *Um cão uivando para a lua* (1972); *Os homens dos pés redondos* (1973); *Essa terra* (1976); *Carta ao Bispo* (1979); *Adeus, Velho* (1981); *Balada da infância perdida* (1986); *Um táxi para Viena d'Áustria* (1991); *O Centro das nossas desatenções* (1996); *O cachorro e o lobo* (1997); *O Circo no Brasil* (1998); *Meninos, eu conto* (1999); *Meu querido canibal* (2000); *O nobre sequestrador* (2003); *Pelo fundo da agulha* (2006); *Minu, o gato azul* (2007); *Sobre pessoas*

A realidade baiana de que Antônio Torres foi testemunha deixou marcas profundas na sua obra. A lembrança dessas vivências não se restringe à trilogia formada por *Essa terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006), atravessando muitos dos seus escritos e enformando a sua visão de mundo. Em *Essa terra*, como procurei demonstrar num ensaio já antigo, o escritor inaugurou, na literatura brasileira, a representação de um «novo» sertão¹, que, no entanto, mantinha algumas de suas características essenciais, entre as quais a necessidade de a sua população partir em busca de melhores condições de vida, com consequentes sentimentos de perda e de irreparável solidão.

A essa temática fulcral na ficção de Antônio Torres – que reflete tanto a sua história pessoal como o seu conhecimento profundo do universo sertanejo da Bahia –, juntam-se outras também de natureza histórica, tais como a do exílio voluntário do protagonista de *Os homens dos pés redondos* (1973) no Portugal salazarista² ou a dos conquistadores portugueses e franceses do território brasileiro, nos tempos coloniais. Estas últimas ganharam expressão em *Meu querido canibal* (2000) e *O nobre sequestrador* (2003), narrativas em que o próprio autor, assumidamente pós-moderno, viaja também em busca do vivido por suas personagens históricas.

A crônica que a seguir se publica foi originalmente apresentada na Primavera dos Livros de 2007, de que Antônio Torres foi patrono, por escolha da Liga Brasileira de Editoras.³ Para a iniciativa, que teve lugar Museu da República – antigo Palácio do Catete –, entre 29 de novembro e 2 de dezembro de 2007, foi-lhe solicitado pela Ibis Libris um texto. O local em que o evento iria

(2007).

1 Vd. CHAVES, Vania Pinheiro, “Um novo sertão na Literatura Brasileira: *Essa Terra*, de Antônio Torres”. *Boca Bilingüe* n° 6/7. Lisboa, Embaixada de Espanha/Instituto Espanhol de Lisboa, junho-dezembro, 1991, pp. 15-21. Republicado em TORRES, Antônio, *Essa Terra*. 15ª ed, Rio de Janeiro, Record, 2001, pp. 173-188.

2 Vd. CHAVES, Vania Pinheiro, “*Os Homens dos Pés Redondos*: uma alegoria do Portugal salazarista”. in *Au carrefour des littératures brésilienne et portugaise: influences, correspondances, échanges (XIX-XX siècles)*. Paris, Ed. Lusophone, 2006, pp. 275-295.

3 Associação de interesse público, sem fins lucrativos, a LIBRE é a entidade que reúne e representa as editoras independentes de todo o Brasil.

decorrer alertou o escritor para o fato de que, em 1954, ali havia posto fim à vida o então Presidente Getúlio Vargas e, como ele próprio refere, lhe deu o tema para o texto que lhe fora encomendado:

Aí me lembrei do trágico fim de Getúlio Vargas e de tudo o mais que escrevi na crônica, que foi publicada pela Ibis Libris, com uma ótima pesquisa iconográfica. O volumezinho foi posto à venda naquela feira e, posteriormente, distribuído às livrarias do Rio. A circulação foi pequena, sim. Mas o livrinho está disponível, junto com outros títulos da Ibis Libris, na biblioteca on-line Nuvem de Livros.

Uma vez que a referida crônica não foi incluída pelo autor nas obras que posteriormente editou e que foi pequena a sua circulação, a revista *Historiae* sente-se honrada em poder divulgá-la junto da comunidade acadêmica, neste número dedicado às relações da História e da Literatura.

Como se pode ler na crônica abaixo transcrita, Antônio Torres recupera, mais uma vez, a História do Brasil através da pequena história do seu Junco natal e das suas vivências infantis. Em linguagem simples e fluida, a que não é alheia a poeticidade, o escritor retoma o dia em que o Presidente Getúlio Vargas se suicidou, ao narrar os efeitos perturbadores deste trágico e histórico acontecimento no seu povoado – ainda pouco integrado na vida da nação – e nos ritos do seu próprio cotidiano. Embora muito breve, a narrativa revela, no menino que o autor ainda era, um peculiar interesse pela coletividade, próxima ou distante, a que pertencia e um olhar atento voltado para as criaturas com as quais convivia. Nas atitudes e nas reflexões daquele menino ganham forma aspectos essenciais da obra literária de Antônio Torres.

Do palácio do Catete à venda de Josias Cardoso

Antônio Torres

24 de agosto de 1954.

Estávamos muito longe do Palácio do Catete, onde um tiro fizera o país tremer. Mas não foi pela distância que não o ouvimos. Foi por vivermos numa casa de roça, sem rádio e sem notícias das terras civilizadas.

Nesse dia, como sempre, o pai acordou com o canto dos galos e dos passarinhos. E fez o que o seu dever mandava: chamou os filhos, um a um, em ordem decrescente, do mais velho ao caçula. Puxou a ladainha, atento às vozes que o acompanhariam, no ritual de todo o amanhecer:

– Kyrie eleison.

– Christe eleison.

Mesmo sem entendê-las, achávamos bonitas as palavras que recitávamos solenemente, em alvíssaras a mais um dia que desejávamos abençoado por Deus Nosso Senhor Jesus Cristo, Sua Santa Mãe e todos os santos do céu, amém. Depois, aos meninos maiores caberia pular das camas e se arrumar para a escola, que ficava na rua – como o povoado era chamado -, dali a uma boa caminhada.

E lá fomos nós ao reencontro da turma, com o coração em festa. A escola significava também isto: convívio. E bate bola na hora do recreio. Oba!

Naquele dia, porém, iríamos bater era com a cara na porta. O prédio escolar encontrava-se fechado. Coisa boa não podia ser. Felizmente a professora não demorou a aparecer, desfazendo nossos temores em relação a ela, que avisou: as aulas estavam suspensas durante oito dias, em respeito ao falecimento do presidente da República.

– Todo o Brasil está de luto – ela explicou.

E mais não disse, mantendo a informação em seus devidos limites. Como boa cristã, senhora ajuizada, e tudo o mais que se exige de uma educadora, ela não iria alardear para crianças a causa mortis do primeiro mandatário da nação. Nem mesmo de forma eufemística:

– Cometeu o tresloucado gesto ...

Ali, qualquer menino ou menina com um mínimo de entendimento sabia o quanto um suicida podia perturbar o sono dos vivos. Opróbrio

post-mortem, ao corpo daquele que atentava contra a própria vida era negado o direito de ser levado à igreja, significando isto a condenação pública da sua alma às trevas sepulcrais, sem pouso ou sossego, enquanto lhe restasse tempo de vida a cumprir na Terra.⁴

Não era em tais crenças que eu estava pensando naquela manhã, enquanto procurava uma aglomeração de adultos, para assuntar os acontecimentos, a me perguntar como, assim de repente, a professora fora informada da morte do presidente e do luto nacional, a ser respeitado até naquelas brenhas esquecidas nos confins do tempo, a quase dois mil quilômetros de distância da capital federal, e aonde o correio só chegava de oito em oito dias, no lombo de um burro. Tudo seria esclarecido na venda de Josias Cardoso. Ali, entre o cheiro de pão de milho recém-saído do forno, creolina e cachaça, o ambiente era de velório. De pé, ao balcão, ou sentados em engradados, caixotes e tamboretas, os bêbados de sempre se transformavam nos seres mais tristonhos do mundo. Num extraordinário ato de contrição ouviam, mudos, um rádio movido a bateria de caminhão noticiar bombasticamente que Getúlio Vargas havia se matado com um tiro no peito, disparado de um Colt calibre 32, de acabamento niquelado, e em cuja coroa reluziam placas de madreperla. E se condoíam até as lágrimas com as últimas palavras de Vargas, em sua carta-testamento, que se tornaria célebre:

– Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.

A venda ia se enchendo. Era como se, de uma hora para a outra, todo aquele lugar fosse incondicionalmente getulista. Mas não. Difícil era encontrar uma só casa de roça que não tivesse o cartazete com a foto de Cristiano Machado ao lado de um boi. Naquele mundo de pequenos proprietários rurais houve uma identificação maior com o candidato à presidência pelo PSD (o Partido Social Democrático) nas eleições de 1950, do que com o gaúcho que cativava as massas de trabalhadores urbanos. Agora os sentimentos eram outros. A trágica morte de Getúlio

4 Este tema foi desenvolvido por Antônio Torres em *Essa Terra*, um dos seus mais conhecidos e prestigiados romances. Nele é acontecimento fulcral o suicídio de Nelo, personagem que põe fim à vida quando regressa ao Junco, após a sua mal sucedida migração para São Paulo. Rememorando esta trágica ocorrência, seu irmão mais novo narra o comportamento preconceituoso dos habitantes do Junco diante do acontecido. A população do povoado inclui crianças, entre as quais o próprio narrador.

Vargas os fazia oscilar entre a perplexidade e as interrogações. Estaria a mão da grande perdedora em tal pleito, a UDN (União Democrática Nacional), por trás do dedo que apertou o gatilho? Atento à desolação reinante, concentro-me na voz do rádio:

– ... esse povo, de quem fui escravo, não mais será escravo de ninguém.

Com essas palavras, que ali deixavam todos tocados, Vargas se rendia como um herói. Sua morte, porém, deixava apreensões no ar:

– É agora que o comunismo vai tomar conta do Brasil.

Comunismo?

Eu ainda não sabia o que era isso. E, com certeza, nem o homem na venda de Josias Cardoso, que tanto o temia.

